

Alguns problemas de consciência fonológica ditongal do professor brasileiro de língua inglesa como L2

Some problems of diphthongal phonological awareness of Brazilian professors of English as L2

Priscila Rossa¹

Universidade de Santa Cruz do Sul

Carlos Renê Ayres²

Universidade de Santa Cruz do Sul

Marcos Luiz Cumpri³

Universidade do Estado de Mato Grosso

RESUMO: Este trabalho levanta problemas na consciência fonológica de professores de inglês como L2, que é um dos maiores obstáculos para o ensino eficiente. Como foco de pesquisa, contornamos os aspectos ditongais no nível segmental da pronúncia. O método utilizado é o indutivo e a aplicação consistiu na coleta, via gravação de áudio, da fala de cinco professores de língua inglesa como L2 em universidades e cursos de idioma. Após a análise das pronúncias, por meio de comparação com o General American Accent, pudemos identificar que há uma discrepância considerável em relação ao nível de consciência fonológica de professores brasileiros de língua inglesa.

PALAVRAS-CHAVE: Consciência Fonológica. Professores de Inglês como L2. Pronúncia. Ditongos.

ABSTRACT: This work investigates problems in the phonological awareness of professors of English as L2, which is one of the largest obstacles to effective teaching. As a research question, we outlined the diphthongs on the segmental level of pronunciation. The method used is the inductive, and the application consisted on collecting, via audio recording, the speech of five English professors and teachers of English as L2 at universities and language schools. After analyzing the pronunciations, in comparison to the General American Accent, we could see that there is a relevant deficit in relation to the level of phonological awareness of Brazilian teachers of English.

KEYWORDS: Phonological awareness. Professors of English as L2. Pronunciation. Diphthongs.

Introdução

A língua inglesa é, no escopo de formação em língua estrangeira, a mais influente dos séculos XX e XXI, visto que “aprender a língua inglesa hoje é tão importante como aprender uma profissão” (PAIVA, 1996, p. 19). Segundo Byrne (1976, p. 1), a maior

¹ Graduada em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul. priscilarossa92@gmail.com

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Maria. Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNEMAT/Cáceres. ayres@unisc.br

Docente d Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul. E-mail: ayres@unisc.br

³Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNEMAT/Cáceres. marcoscumpri@yahoo.com.br

preocupação que os professores de inglês como L2⁴ têm (ou que devem ter) em relação à aprendizagem dos alunos é a de desenvolver a habilidade de usar a língua com o propósito de comunicação. Ao descrever o papel do professor, Byrne (1976, p. 2) parte do pressuposto de que este é quem conhece/sabe a língua, porém sabe-se que a realidade no Brasil não é essa, o que nos leva ao seguinte problema: para que as expectativas de se utilizar a língua inglesa sejam supridas, o aluno terá de passar por um processo intenso de prática da fala (*speaking*) e de compreensão auditiva (*listening*), mas se a formação do docente de língua inglesa como L2 for deficiente, sobretudo nos aspectos fonológicos, que é o nosso foco de pesquisa, o processo acima descrito não se estabelece a contento.

Dito isso, neste artigo, nosso objetivo primário é o de diagnosticarmos alguns problemas de consciência fonológica do professor de inglês como L2. Para alcançarmos nossa meta, por meio de uma análise contrastiva, trazemos exemplos que demonstram a presença ou ausência de consciência fonológica, as possíveis dificuldades de pronúncia e as modificações fonológicas cometidas por professores de inglês como L2.

Metodologicamente, nos ancoramos em Figueiredo (2002) para nos atemos na análise fonética do nível segmental da pronúncia, enfatizando os casos que envolvem ditongos.

O texto ainda apresenta uma discussão geral e referências.

A Consciência fonológica

Para iniciarmos a discussão, trazemos uma reflexão de Steinberg:

[...] o simples conhecimento dos fonemas de uma língua estrangeira nos possibilita a comunicação com falantes nativos, mas de uma forma não totalmente satisfatória. Somente se dominarmos a estrutura fonética, isto é, se produzirmos os alofones corretamente, poderemos nos expressar como um falante nativo. É possível chegar a isso através de exercícios baseados na análise contrastiva do sistema sonoro. Por que análise contrastiva? Porque é através dela que obteremos: 1) fonemas da língua estrangeira que não ocorrem na língua materna; 2) fonemas da língua estrangeira que ocorrem na língua materna mas que apresentam uma distribuição diferente; 3) fonemas que ocorrem nas duas línguas mas em sequências diferentes. (1985, p. 9)

A consciência fonológica, de modo geral, é um conhecimento a respeito das unidades fonéticas que compõem os segmentos da língua e da maneira como essas unidades se organizam. (LAMPRECHT, 2009, p. 33) Trata-se de termos ciência dos sons que produzimos na fala, sejam eles sílabas, unidades intrassilábicas ou fonemas isolados. Já a consciência fonêmica está relacionada ao nível do fonema, somente (ADAMS, 2006, p. 16).

Conforme Rigatti-Scherer,

consciência fonológica é a habilidade de reconhecer e manipular os sons que compõem a fala. É estar consciente de que a palavra falada é constituída de partes que podem ser segmentadas e manipuladas. Para ter consciência fonológica é necessário que o falante ignore o significado e preste atenção à estrutura da palavra. Essa habilidade requer desde a consciência da estrutura da palavra como um todo até a sua separação em sons individuais, exigindo maior grau de consciência linguística do falante. (2009, p. 25)

⁴Optamos, sem a intenção de propor distinção de significados, por nos referirmos à língua inglesa, em contexto nacional, como L2. (segunda língua), diferentemente do que fazem alguns teóricos que a tomam por LE (língua estrangeira).

A forma como essa consciência é adquirida pode variar. Ao tratarmos da aprendizagem de língua estrangeira, nos deparamos com duas manifestações distintas da consciência fonológica, que são os níveis implícito e explícito de internalização fonológica.

A consciência fonológica é, muitas vezes, relacionada à aquisição das habilidades linguísticas, primeiramente na fala e depois na escrita. Nesse caso, a consciência geralmente se dá implicitamente. Em paralelo, facilmente relacionamos o nível explícito de consciência fonológica aos que desenvolvem e internalizam um segundo sistema linguístico (neste caso, a língua estrangeira), mesmo que parte dessa consciência possa se dar também implicitamente. Os aprendizes de língua estrangeira fazem conexões entre o conhecimento fonológico da língua materna com a que estão adquirindo ao se depararem com unidades sonoras que não existem em sua língua materna, o que poderá acarretar pronúncias equivocadas já que sons da língua-alvo são passíveis de se confundirem com sons parecidos da língua materna.

Uma vez que o aprendiz de L2 reconhece as diferenças entre a pronúncia nativa e a produção estrangeira da língua, a consciência fonológica está estabelecida. O papel do professor de L2 é determinante para que esse estágio seja alcançado e para que capacidade de diferenciação entre os sons de uma língua e outra seja acionada. Aquino acrescenta que

o professor de línguas na prática oral auxiliará os seus alunos para que eles possam compreender de que maneira os sons dos segmentos fônicos são produzidos no ato de fala, com isso os alunos não serão meros repetidores, mas serão utilizadores conscientes do processo de produção dos sons da fala do novo idioma. (2010, p. 6)

A tabela a seguir traz exemplos de equívocos de pronúncia de brasileiros que ainda não são conscientes do processo de produção dos sons na língua inglesa:

EXEMPLOS	CORRETO	INCORRETO
<i>basic</i>	[ˈbeisik]	[ˈbeizik]
<i>muscle</i>	[ˈmʌsəl]	[ˈmʌskʊʃ]
<i>bury</i>	[ˈberi]	[ˈbʌri]
<i>love</i>	[lʌv]	[lɒv]
<i>apple</i>	[ˈæpəl]	[ˈeɪpʊʃ]
<i>bad</i>	[bæd]	[bɛd]
<i>three</i>	[θri:]	[fri:]; [tri:]
<i>mother</i>	[ˈmʌðə]	[ˈmɔdeɪ]
<i>living/ leaving</i>	[ˈlɪvɪŋ] / [ˈli:vɪŋ]	[ˈliviŋ] / [ˈlivɪŋ]
<i>food</i>	[fu:d]	[fʊd]

Fonte: Construção própria

No primeiro exemplo presenciamos um caso de comparação de L2 com L1. Em se tratando de português como L1, a norma estabelece que a letra S entre vogais acarrete o som [z]. Em inglês não há um padrão pré-estabelecido para determinar se o S entre vogais terá o som [s] ou [z], assim como o posicionamento de dois *esses* seguidos na escrita (SS) não indica o fonema [s], obrigatoriamente. A palavra *possessive*, por exemplo, é pronunciada [pəˈzɜsɪv].

No caso da pronúncia incorreta de *muscle*, no exemplo 2, pode ter havido desconhecimento da existência de *silent letters*, ou seja, apagamento de determinados fonemas na pronúncia de algumas palavras. Neste caso, não se deve pronunciar o fonema [k], representado pela letra C. Alguns outros exemplos em que presenciamos *silent letters* são *sword* [sɔrd], *knuckle* ['nʌkəl] e *thumb* [θʌm]. Ademais, o fonema [l] do final da palavra está sendo transformado em ditongo [oʊ]. Este erro tem se mostrado muito frequente entre falantes brasileiros, uma vez que o L seguido de vogal na língua portuguesa é geralmente pronunciado como semivogal [ʊ].

Em língua inglesa, o padrão de pronúncia da letra U entre vogais é o som [ʌ]. Contudo, todas as vogais passam por ressalvas. No exemplo 3, podemos observar uma exceção, sendo que a letra U em *bury* deve ser pronunciada diferentemente: ['berɪ]. Outro exemplo seria a palavra *business*, cujo U incorpora o fonema [ɪ]: ['bɪznɪs].

No quarto exemplo, notamos uma situação em que o falante pode ter se acostumado a uma determinada pronúncia da palavra relacionando-a ao sistema escrito da L1, como é o caso da produção da letra O, em *love*. Uma vez que o falante se habitue a pronunciar uma palavra de forma incorreta, estaremos diante de um vício linguístico.

Percebemos um erro muito comum de aprendizes brasileiros ao transformarem a vogal curta A em ditongo na palavra *apple*. O fenômeno representado no exemplo 5 sugere desconhecimento do padrão escrito correlacionado ao fonético da L2. Vogais devem ser curtas quando seguidas de consoantes duplas em língua inglesa. Vemos a mesma ocorrência também em *dinner* ['dɪnər] e *hopping* ['hɒpɪŋ].

No exemplo 6, podemos verificar que há desconhecimento das diferenciações sonoras entre as vogais curtas [æ] e [ɜ] em língua inglesa. A troca desses fonemas pode acarretar desentendimento linguístico. Esta insciência ocorre porque a língua portuguesa enfatiza um conjunto vocálico mais restrito que a língua inglesa, ou seja, a escolha de produzir um ou outro destes dois sons fonéticos não interferirá na compreensão de palavras da língua portuguesa, embora os falantes de português geralmente reproduzam [ɜ] com mais naturalidade.

O fonema [θ] não existe em língua portuguesa e tem uma peculiaridade de reprodução sonora frequentemente ignorada por estrangeiros. Como consequência, eles selecionam o fonema cujo som é considerado mais próximo ao correto. Em se tratando de brasileiros, há uma tendência de substituir o fonema dental surdo [θ] pelo fonema labiodental [f]. No exemplo de número 7, temos a palavra *three* (três). Sua produção incorreta resultaria em uma palavra totalmente distinta: *free* (livre). Ademais, aprendizes brasileiros ignorariam a participação da letra H na representação gráfica do som e reproduziriam simplesmente *tree*, também outra palavra (árvore).

No próximo exemplo, vemo-nos diante da discussão de duas problemáticas: o desconhecimento dos fonemas [ð] e [ə] por ambos não existirem em língua portuguesa. O primeiro é um som fricativo dental e se assemelha ao fonema abordado anteriormente, mas ao contrário daquele, é sonoro. Desta vez, percebemos que brasileiros tendem a trocar o fonema em questão por [d]. O segundo, chamado *schwa*, é uma vogal média central, produzida basicamente com o descanso da maioria dos instrumentos de produção fonológicos. Ao ignorarem esta vogal, aprendizes da língua inglesa poderiam trocá-la pela letra que corresponde a ela graficamente de acordo com suas próprias línguas maternas, ou conforme melhor lhes parecerem.

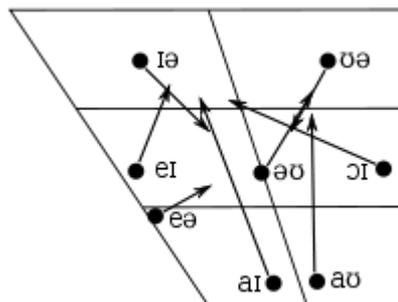
Nos últimos exemplos, deparamo-nos com a diferenciação entre a vogal longa [i:] e a vogal curta [ɪ] e entre a vogal longa [u:] e a vogal curta [ʊ]. Essas diferenciações de extensão da produção vocálica não existem em língua portuguesa, como veremos mais adiante. Poderíamos afirmar que as produções das vogais [i] e [u] em língua portuguesa seriam sempre curtas. A vogal longa transformada em curta, e vice-versa, pode ocasionar

certas confusões semânticas, como percebemos nos exemplos de *leaving* (partindo) e *living* (vivendo). Vemos isto ocorrendo em *bit* [bɪt], que é o pretérito do verbo “morder”, e *beet* ou *beat* [bi:t], que significam “beterraba” e “bater”, respectivamente.

Diante desses exemplos, verifica-se que há elementos que podem facilmente vir a se tornar obstáculos na compreensão da língua articulada. Tench (1981, p. 56) afirma que a principal técnica para estabelecer uma produção fonética (principalmente vocálica) aceitável seria o treino auditivo, com o fim de estabelecer a percepção de contrastes e imitação. Assim, inferimos que o professor necessita estar ciente dos sons que produz, considerando que grande parte da consciência fonológica/fonêmica internalizada pelo aluno vem do que ele observa durante a interlocução do professor.

Ditongos da língua inglesa

Segundo Malmberg (1954, p. 69), a língua inglesa pode ser chamada rica em ditongos. Em contrapartida, o inglês britânico atual possui apenas oito ditongos, de acordo com a tabela de Roach (2009, p. 29). Além disso, a ocorrência do ditongo [ʊə] é cada vez mais rara. Aqui estão suas representações através de símbolos fonéticos seguidos de exemplos:



(ROACH, 2009, p. 29)

Exemplos:

iə (near)	eɪ (face)	eə (square)	aɪ (price)
aʊ (mouth)	əʊ (goat)	ɔɪ (choice)	ʊə (cure)

Há, porém, outra linha teórica que argumenta contra este número de ditongos da língua inglesa. Para Szigetvári (2014, p. 57), as vogais de *near* [iə], *square* [eə] e *cure* [ʊə] não são ditongos. Assim, nessa perspectiva, a língua inglesa não possuiria vogais centrais e as vogais interpretadas como monotongos longos em *fleece* [i:] e *goose* [u:] seriam ditongos, tanto fonética quanto fonologicamente. Para ele, a língua inglesa atual possuiria sete ditongos (contidos em *fleece*, *face*, *price*, *choice*, *goose*, *goat* e *mouth*) e seis monotongos longos (como as vogais em *near*, *square*, *start*, *nurse*, *north* e *cure*).

No que se refere às vogais da língua inglesa, elas podem ser curtas, como em ‘*bit*’ [bɪt], ou longas, como em ‘*beat*’ [bi:t]. De acordo com Forel e Puskás (2005, p. 17), os aparelhos fonológicos não mudam de posição ao produzirmos vogais longas, mas permanecem na mesma posição em que são realizadas as vogais curtas, só que com maior duração de tempo. Já os ditongos, como já vimos, exigem que os aparatos da fala se movam para produzir dois sons vocálicos diferentes adjacente. Segundo Roach (2009, p. 27), o tempo de duração de cada som vocálico depende do contexto, como o tipo de som que o segue e a presença ou ausência de tonicidade. As vogais longas da

língua inglesa são representadas pela vogal seguida de dois pontos e são cinco: [i:], [ɜ:], [a:], [ɔ:] e [u:] (ROACH, 2009, p. 27).

Assim, não encontramos ditongos em ‘beat’ [bi:t], ‘boot’ [bu:t], ‘blur’ [blɜ:ɹ] ou ‘bore’ [bɔ:ɹ], mas sim em ‘bake’ [beɪk], ‘bite’ [baɪt], e ‘boy’ [bɔɪ]. Essa diferenciação de extensão vocálica não é enfatizada em língua portuguesa.

Metodologia de análise

A coleta foi feita por meio da gravação da fala de cinco professores. O conteúdo da gravação é a leitura que cada docente faz de sete grupos criados a partir da tipologia ditongal da língua inglesa de frases contidas na tabela abaixo. Um dos oito sons ditongais - [ʊə] - não foi incluído devido à sua rara ocorrência. A seguir, fizemos a comparação dos áudios com o padrão *General American Accent*.

/ eɪ /	
Guess the weight of that cake. They should take a day’s rest.	ˈges ðə weɪt əv ðæt keɪk. ðeɪ ʃəd teɪk ə deɪz rest.
/ əʊ /	
No, Jones scored the first goal. Have all the soldiers returned home?	nəʊ ˈdʒɔːns skɔːrd ðə fɜːst ɡəʊl. həv ɔl ðə səʊldɪəz rɪˈtɜːnd həʊm?
/ aɪ /	
Can’t I light the fire? Last time I stayed at home. Late nights make me tired. It’s made entirely of cast-iron.	kænt aɪ laɪt ðə faɪə? læst taɪm aɪ steɪd ət həʊm. leɪt naɪts meɪk miː taɪəd. ɪts meɪd ɪnˈtaɪərlɪ əv kæst aɪərn.
/ aʊ /	
How about going by hire-car? Outside the farmhouse there’s quite a crowd. He dried his trousers by the fire. How far is it to the Town Hall?	ˈhaʊ əbaʊt ɡəʊɪŋ baɪ haɪə kɑː? aʊtsaɪd ðə fɑːmhaʊs ðɜːs k ^w aɪt ə kraʊd. hiː ˈdraɪd ɪz traʊzəz baɪ ðə faɪə. haʊ fɑː ɪz ɪt tə ðə taʊn hɔːl?
/ ɔɪ /	
What a powerful voice that boy’s got! Our oil-fired boiler’s so noisy. His employer gave him no choice.	wat ə paʊəfʊl vɔɪs ðæt bɔɪz ɡɒt! aʊəl faɪəd bɔɪlərs sɔʊ nɔɪziː. hɪz ɪmˈplɔɪə ɡeɪv hɪm nɔʊ tʃɔɪs.
/ ɪə /	
His beard gives him a very fierce appearance. It nearly ended his career. The audience jeered the hero. We’re so weary of hearing his ideas.	hɪs biəd ɡɪvs hɪm ə vɜːriː fɪəs əˈpɪəriəns. ɪt niərlɪː ɛndɪd hɪs kəriə. ði ɔdiəns dʒɪəd ðə hɪrəʊ. wiə sɔʊ wiəriː əv hɪəriŋ hɪz aɪdɪəs.
/ eə /	
Where do they get their beer? Be careful with the aerial. Mary’s hair’s very fair.	wɛə duː ðeɪ ɡɛt ðeə biə? biː keəfʊl wɪθ ðɪ ɛriəl. mæriːs heərs veəriː feə.

Fonte: Construção própria

Análise das variações de pronúncia

A tabela a seguir traz as diferenças, foneticamente transcritas, de pronúncia dos cinco professores (identificados como Sujeitos A, B, C, D e E). A primeira coluna contém a palavra escrita e a segunda contém a representação fonética com base na pronúncia americana geral (*General American Accent*). O hífen representa que a pronúncia da palavra não foi alterada relevantemente.

Palavra	Gen. Ame.	Suj. A	Suj. B	Suj. C	Suj. D	Suj. E
a	ə	-	<u>a</u>	<u>a</u>	<u>a</u>	- / <u>a</u>
about	əbaʊt	-	<u>əbaʊt</u>	<u>əbaʊt</u>	<u>əbaʊt</u>	-
aerial	æriəl	-	<u>ɛriəʊ</u>	<u>ɛriəʊ</u>	<u>ɛriəʊ</u>	-
all	ɔl	-	-	-	<u>ɔʊ</u>	-
appearance	ə'piəriəns	-	<u>a'piəriəns</u>	<u>a'piəriəns</u>	<u>a'piəriəns</u>	-
audience	ɔdiəns	-	<u>ɔdiəns</u>	<u>ɔdiəns</u>	<u>ɔdiəns</u>	<u>ɔdiəns</u>
beard	bɪərd	-	<u>b_ərd</u>	-	-	-
can't	kænt	-	-	kent	kent	ken_
careful	kɛərfʊl	-	<u>kɛ_rfʊl</u>	<u>kɛ_rfʊ:</u>	<u>kɛ_rfʊ:</u>	-
do	du:	-	<u>dʊ</u>	-	<u>dʊ</u>	-
employer	ɪm'plɔɪər	-	<u>ɛmplɔɪər</u>	-	-	-
ended	ɛndɪd	-	<u>ɛndɛd</u>	-	<u>ɛndɛd</u>	-
entirely	ɪn'taɪərli	-	<u>ɛn'taɪ_rli</u>	<u>ɪn'taɪ_rli</u>	-	-
fair	fɛər	-	<u>fɛ_r</u>	-	<u>fɛ_r</u>	-
fired	faiərd	-	<u>faiər_</u>	-	-	-
goal	gəʊl	-	-	-	<u>gəʊ_</u>	-
got	gɒt	-	<u>gɔt</u>	<u>gɔt</u>	<u>gɔt</u>	<u>gɔt</u>
guess	ɡɛs	-	<u>ɡɛz</u>	-	<u>ɡɛz</u>	-
hall	hɔ:l	-	<u>hɔl</u>	<u>hɔʊ</u>	<u>hɔʊ</u>	-
have	hæv	-	<u>hɛv</u>	-	<u>hɛv</u>	-
he	hi:	-	<u>hi</u>	<u>hi</u>	<u>hi</u>	<u>hi</u>
hire	haɪər	-	<u>haiə_</u>	<u>hai:</u>	<u>hai:</u>	-
his	ɪz	<u>his</u>	<u>his</u>	<u>his</u>	<u>his</u>	<u>his</u>
home	həʊm	-	<u>hɒm</u>	-	<u>hɒm</u>	-
ideas	aɪdɪəs	-	<u>aɪdɪəs</u>	<u>aɪdɪəs</u>	<u>aɪdɪəs</u>	-
iron	aɪərn.	-	<u>aɪrɔn</u>	<u>aɪrɔ</u>	<u>aɪrɔ</u>	-
Jones	dʒəʊnz	-	<u>dʒə_nz</u>	-	<u>dʒə_nz</u>	-
last	læst	-	-	<u>lɛst</u>	<u>lɛst</u>	-
Mary's	mæri:s	-	<u>mɛri:s</u>	<u>mɛri:s</u>	<u>mɛri:s</u>	<u>mɛri:s</u>
me	mi:	-	<u>mi</u>	<u>mi</u>	<u>mi</u>	<u>mi</u>
of	əv	-	<u>ɔv / ɔf</u>	<u>ɔf</u>	<u>ɔf</u>	- / <u>ɔf</u>
oil	ɔɪl	-	<u>ɔʊ</u>	<u>ɔʊ</u>	<u>ɔʊ</u>	-
our	aʊər	-	<u>aʊ_r</u>	-	-	-
powerful	pəʊərfʊl	-	<u>pəʊərfʊ:</u>	<u>pəʊərfʊ:</u>	<u>pəʊərfʊ:</u>	<u>pəʊərfʊ:</u>
returned	rɪtɜrnd	-	<u>rɪtɜrn_</u>	-	<u>rɪtɜrn_</u>	-
scored	skɔrd	-	-	-	-	<u>ɪskɔrd</u>
should	ʃʊd	-	-	<u>ʃʊ.ɹə</u>	-	-
souldiers	səʊldʒərz	-	<u>səʊ_dɪərz</u>	<u>səʊ_dʒərz</u>	<u>səʊ_dʒərz</u>	<u>səʊ_dʒərz</u>
stayed at	steɪd ət	<u>steɪd_</u>	<u>steɪd_ɛt</u>	<u>steɪd_ɛt</u>	<u>steɪ.ɹɛt</u>	<u>steɪ.ɹɛt</u>

that	ðæt	-	<u>d</u> æt	<u>d</u> æt	<u>d</u> æt	<u>d</u> æt
the	ðə	-	<u>d</u> e	<u>d</u> ə	<u>d</u> ə	<u>d</u> ə
their	ðeə	-	<u>d</u> eɪ	<u>d</u> eə	<u>d</u> e_r	<u>d</u> eə
tired	taɪəd	-	-	-	-	taɪər_
trousers	traʊzərz	-	traʊzərz	-	tr:ɔzərz	-
very	vɛəri:	-	vɛ_ri:	vɛ_ri:	vɛ_ri:	-
we're	wɪər	-	wɪ <u>ɑ</u> r	wɪ <u>ɑ</u> r	wɪ <u>ɑ</u> r	-
weary	wɪəri:	-	wɛəri	wɛəri:	wɛəri	-
what a	wat ə	w <u>ɑ</u> ɪə	w <u>ɑ</u> t <u>ɑ</u>	w <u>ɑ</u> ɪ <u>ɑ</u>	w <u>ɑ</u> ɪ <u>ɑ</u>	w <u>ɑ</u> ɪ <u>ɑ</u>
where	wɛər	-	wɛ_r	-	wɛ_r	-
with (the)	wɪθ (ðɪ)	-	wɪ_(<u>d</u> e)	wɪθ (dɪ)	wɪf <u>d</u> ɪ	wɪθ (dɪ)

Fonte: Construção própria

Ao observarmos as transcrições fonéticas, nos deparamos com algumas produções comuns entre os sujeitos, mas que diferem do *GAA*, o que nos levou a perceber alguns dos erros comuns cometidos por professores de inglês como L2 e o seu nível de consciência fonológica, sobretudo de ditongos.

Quanto aos equívocos de pronúncia de ditongos, nos deparamos com alguns casos de monotongação. O caso mais recorrente foi o do ditongo /eə/, monotongado para o fonema /ɛ/. Esta ocorrência se deu nas palavras *careful*, *very*, *fair*, *hair* e *where*. Apesar desse ditongo existir na pronúncia americana, se torna muito mais evidente na fala britânica, pelo fato de muitas vezes ser precedido pela letra (r), que não é sonorizada quando localizada ao final das sílabas. Outro ditongo que sofreu dois casos diferentes de monotongação foi o conjunto /ɔʊ/, na palavra *trousers*; em um dos casos o ditongo foi transformado em vogal longa /o:/, e no outro, em vogal aberta /ɔ/. Um motivo possível para este caso de monotongação é o desconhecimento da pronúncia correta da palavra *trousers*, que não é comum no inglês americano. O ditongo /ɪə/ em *weary* também foi modificado em ditongo /eə/.

Houve também alguns casos de ditongação, sobretudo em palavras com a letra (l). Alguns exemplos seriam as palavras *aerial*, *all* e *hall*. A primeira sofreu várias alterações, sendo que o schwa⁵ (ə) acompanhado da letra (l) foi ditongado para /ɛʊ/, /aʊ/ e /oʊ/. As palavras *all* e *hall* tiveram a vogal longa /ɔ:/ ditongada para /ɔʊ/. Quando não ditongada, a letra (l) foi transformada em vogal longa /ʊ:/, como nas palavras *careful*, *oil* e *powerful*. Na palavra *souldiers*, a letra (l) foi supressa, resultando em /soʊ_dʒərz/. O que provavelmente causou esses equívocos de pronúncia envolvendo a letra (l) foi o fato de brasileiros normalmente pronunciarem /ʊ/ em vez de /l/ em língua portuguesa. Um exemplo seria a palavra ‘mel’, normalmente pronunciada /mɛʊ/.

O schwa (ə) foi ignorado em várias ocasiões. O artigo indefinido *a* e o schwa foram pronunciados como /a/ na palavra *about* e nas palavras *audience*, *appearance* e *employer*, foram transformados em /e/. Trata-se de casos claros de interferência da língua materna, cujo conhecimento do sistema fonético da língua portuguesa influencia a

⁵ A palavra schwa, segundo o dicionário Aurélio, provém da língua hebraica e pode ser traduzida como “nada”. O schwa, representado pelo símbolo fonético [ə], é o som mais comum da língua inglesa (COOK, 1991, p. 79 apud FIGUEIREDO, 2002, p. 77). Entretanto, também pelo fato de inexistir no português brasileiro, é, muitas vezes, ignorado pelos professores de inglês, o que os distancia de uma fala acertada e inteligível. Ele não pode ser identificado meramente através da soletração, uma vez que aparece em forma de qualquer uma das vogais, ou em um conjunto delas. É uma vogal central neutra, geralmente encontrada em sílaba átona, embora também ocorra em sílaba tônica. Assim, “ao nos depararmos com uma vogal que pode ser eliminada da palavra sem transformar sua pronúncia, provavelmente estaremos diante de um schwa e por ele ser tão comum, sua pronúncia incorreta pode conduzir a fala a um forte sotaque” (COOK, 1991, p. 79 apud FIGUEIREDO, 2002, p. 77, tradução nossa).

pronúncia em língua inglesa. O schwa foi uma vez supresso após ditongo na palavra *appearance*, mas pudemos perceber que ele era comumente pronunciado após os ditongos /aɪ/, /oɪ/, /eɪ/ e /aʊ/. As palavras *fire*, *entirely*, *employer*, *player* e *our* raramente sofreram mudanças. Já a palavra *hire-car* teve tanto o schwa quanto a letra (r) supressos depois do ditongo /aɪ/ em alguns casos, e o ditongo foi alongado com a vogal /i:/. A palavra *iron* foi pronunciada equivocadamente pelos sujeitos B, C e D, visivelmente influenciados pela língua portuguesa. O schwa foi ignorado nestes três casos, e /r/ foi pronunciado antes da vogal, como na forma escrita. Os sujeitos C e D nasalizaram a vogal /o/ em vez de produzirem /ɪ/ ao final da palavra. A nasalização da vogal seguida de ‘n’ ou ‘m’ é comum em português, como nas palavras ‘ponte’ e ‘bom’.

No caso de vogais curtas, notamos que /æ/, nas palavras *can*, *have*, *last* e *Mary*, foi, muitas vezes, pronunciado como /ɛ/. Isso ocorreu porque não há uma distinção clara entre esses dois sons em língua portuguesa, em que geralmente predomina o som /ɛ/. As vogais longas /u:/ e /i:/ foram pronunciadas como vogais curtas /ʊ/ e /ɪ/ nas palavras *do*, *he*, *she*, *mee* *very*. A vogal curta /ɑ/ na palavra *got* foi quase sempre pronunciada como /ɔ/, o que se justifica por a diferenciação entre vogais curtas e longas não ser enfatizada em língua portuguesa, o que ocasiona um obstáculo a ser superado pelos aprendizes de língua inglesa. Já a vogal /ɑ/ não é encontrada em nenhuma palavra da língua portuguesa, portanto, precisa ser aprendida.

Um equívoco latente foi a pronúncia de /ð/, um som fricativo dental sonoro, encontrado em palavras com ‘th’, como *that*, *the* e *their*. Estas são palavras comuns, bastante repetidas nas sentenças, por isso geraram várias situações de erro. Quase todos os professores pronunciaram esse fonema como /d/, que é o som mais aproximado em língua portuguesa. A única ocorrência do fonema /θ/ surge na palavra *with*. Este som também é representado pelo ‘th’, mas fricativo dental surdo, e foi pronunciado como /f/ em um dos casos e supresso em outro.

O fonema /s/ no início da palavra seguido de consoante não ocorre em língua portuguesa, mas é muito comum em inglês, como na palavra *scored*. Assim se explica a produção do fonema /ɪ/ antes de /s/ pelo sujeito E, gerando /ɪskɔrd/. Outra peculiaridade envolvendo /s/ foi a transformação do mesmo em /z/ pelo sujeito D, na palavra *guess*. Todos os sujeitos pronunciaram *his* como /hɪs/, sem suprimir /h/ e sem pronunciarem /z/ no final. Apesar de não ser um erro de pronúncia, notadamente representa uma fala mais pausada, atenta a cada fonema, o que é característica de quem ainda está em processo de conscientização fonológica.

Uma ocorrência comum de falantes de inglês americano é a produção de /ɪ/ substituindo os fonemas /t/ e /d/ entre vogais, como nas palavras *metal* e *medal*. Isso ocorre durante o fluxo natural de fala, para facilitar e agilizar a fluidez comunicativa. Durante a leitura dos grupos de frases ditongais, os sujeitos A, C, D e E produziram /ɪ/ ao falarem as palavras ‘*what a*’; o sujeito E novamente substituiu a letra ‘t’ em ‘*weight of*’, e ambos os sujeitos D e E substituíram /d/ por /ɪ/ em ‘*stayed at*’.

Considerações finais

Nossa pesquisa investigou, com destaque, a adequação do uso dos ditongos do inglês por professores falantes nativos do português brasileiro. Para isso, analisamos transcrições fonéticas feitas a partir de gravações de leituras de cinco professores de língua inglesa de frases que contemplaram sete grupos ditongais.

A análise do quadro de pronúncias apontou significativas discrepâncias de consciência fonológica e mostrou que mesmo um professor com consistente formação linguística pode apresentar um grande número de desvios de pronúncia que, em última



análise, afeta o bom desempenho de alunos de inglês como L2, sobretudo no que tange à capacidade de desenvolver a pronúncia, o conhecimento fonético-fonológico de forma explícita e de analisar criticamente a sua própria habilidade de fala.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Marilyn Jaeger et al. *Consciência fonológica em crianças pequenas*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BYRNE, Donn. *Teaching oral English*. [S.l.]: Longman, 1976.
- FIGUEIREDO, Maria Flávia. *Uma proposta de ensino da pronúncia da língua inglesa com ênfase nos processos rítmicos de redução vocálica*. Araraquara, 2002. 380 p. Tese (Doutorado), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2002. Disponível em: <http://mariaflaviafigueiredo.com.br/tese/Tese.pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.
- FOREL, Claire A.; PUSKÁS, Genoveva. *Phonetics and phonology: Reader for first year English linguistics*, 2005.
- LAMPRECHT, Regina Ritter. *Consciência dos sons da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A língua inglesa no Brasil e no mundo. In: PAIVA, V. L. M. (Org.). *Ensino de língua inglesa: reflexões e experiências*. Campinas: Pontes Editores, 1996. p. 9-27.
- RIGATTI-SCHERER, Ana Paula. Conversa Inicial. In: LAMPRECHT, Regina Ritter (Org.). *Consciência dos sons da língua*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- ROACH, Peter. *English phonetics and phonology: a practical course*. 4. ed. São Paulo: Cambridge University Press, 2009. Disponível em: <http://www.jasabiza.ir/file/file-13798764132.pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.
- STEINBERG, Martha. *Pronúncia do inglês norte-americano*. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios)
- SZIGETVÁRI, Péter. Two more, three less: diphthongs in British English. *The even yearbook*, n. 11, p. 57-66, 2014. Disponível em: <http://seas3.elte.hu/even/2014/14sz.pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.

Recebido em: março de 2021.

Aprovado em: junho de 2021.

Como citar este trabalho:

ROSSA, P.; AYRES, C. R.; CUMPRI, M. L. Alguns problemas de consciência fonológica ditongal do professor brasileiro de língua inglesa como L2. **Traços de Linguagem**. v. 5, n. 1, p. 107-116, 2021.
